

Procurando soldados portugueses caídos na guerra

23 de Agosto de 2011, 15:40

Em Junho, a equipa da Liga dos Combatentes portuguesa voltou a Moçambique com o programa Conservação das Memórias. O programa é ambicioso e até corajoso, mas assim o são também os integrantes da equipa. O objectivo é impedir que caiam no esquecimento os militares portugueses que tombaram por Portugal, ou que desapareçam completamente os vestígios da sua gesta pelo mundo onde defenderam o seu país.



Trinta e seis anos depois da independência em Moçambique, quando cerca de 20 mil portugueses aqui vivem e são aceites pelo povo moçambicano, esta busca não pretende mexer em velhas feridas, mas sim dignificar cemitérios ou campas isoladas de soldados portugueses.

“África, por motivos da Guerra do Ultramar, foi o mais recente continente onde os militares portugueses viveram e travaram um conflito, tendo muitos deles ficado sepultados em cemitérios locais, ou em locais isolados e hoje pouco reconhecíveis, sendo objectivo da Liga efectuar o levantamento de todas as situações de que possui registo e actuar posteriormente na dignificação de cemitérios, de campas e na construção de ossários que recolherão os restos mortais que venham a ser exumados e ali concentrados de forma a conservar a sua memória”, explicou, à sapo.mz, o general Fernando Aguda.

Depois da missão finalizada em Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, e Guiné Bissau, em Setembro de 2010, a missão da Liga dos Combatentes chegou a Moçambique. Regressou em Junho deste ano para mais uma missão de reconhecimento. Nestas duas viagens foram encontradas um total de 36 locais em que se encontram inumados militares.

“Moçambique foi percorrido de Norte a Sul, com o apoio do Ministério dos



Combatentes portugueses, com o objectivo de identificar, em cada província, os locais predefinidos de inumação de combatentes da Guerra do Ultramar, reconhecida a sua situação no terreno e preparando a segunda fase da intervenção em Moçambique”, disse Fernando Aguda. Esta segunda fase passará por trabalhos de requalificação dos talhões cemiteriais ou de exumação de restos mortais que serão concentrados nos ossários dos cemitérios municipais de Nampula e da Beira.

Uma missão com mais dois ou três anos



Com finalização prevista para um período entre dois a três anos, as equipas que visitam, e continuarão a visitar, Moçambique são compostas por três oficiais da Liga dos Combatentes, sendo acompanhados, na fase de exumação, por uma equipa técnica composta por especialistas – antropólogos e forenses, que irão recolher dados para viabilizar pedidos de transladação de restos mortais para Portugal, quando há um pedido das famílias.

No entanto, realce-se que a tarefa da Liga não é preparar estas transladações para Portugal, mas sim melhorar as condições de apresentação e de conservação dos talhões militares, assim como concentrar em ossários – Nampula e Beira, os restos mortais que sejam concentrados. “Conservar a memória não significa remexer na História e, como tal, muito menos significa agitar as famílias comunicando-lhe a possibilidade de realizar uma transladação que nem terão equacionado por razões diversas, nas quais não serão despiciendas razões pessoais que quase 50 anos depois ganham contornos familiares diversificados, nem razões económicas que limitam essa possibilidade a algumas famílias interessadas. Contudo, pontualmente, alguns casos têm ocorrido.

A Liga divulga as suas actividades e locais onde em cada País de Língua Oficial Portuguesa a desenvolve, é natural, portanto, que ainda surjam famílias a indagar da identificação e localização de algum ente falecido no conflito com intenção de custear uma transladação. Quando assim é, a iniciativa da família e nunca da Liga, desencadeia uma actuação em conformidade ao seu desejo e inicia o processo da transladação”, explica o general Fernando Aguda.

Marta Curto

SAPO MZ